

Apresentando a Grounded Theory: uma nova proposta de abordagem qualitativa na pesquisa organizacional

Autoria: Elisa Yoshie Ichikawa e Lucy Woellner dos Santos

Resumo

Diagnósticos sobre pesquisa organizacional no Brasil mostram que ainda são incipientes os resultados de estudos qualitativos em administração. O interesse por esse tipo de pesquisa, entretanto, tem crescido. Nesse cenário, o objetivo desse artigo é trazer para discussão uma estratégia de pesquisa qualitativa, ainda pouco conhecida e utilizada nos estudos organizacionais. Essa estratégia é a *Grounded Theory*, criada por Barney Glaser e Anselm Strauss, como um método de pesquisa indutiva, que busca conceber teoria substantiva a partir dos dados. A análise realizada neste trabalho mostra as bases epistemológicas da G.T., como foi criada, como foi socializada em vários campos da ciência, suas técnicas, os principais trabalhos e suas ênfases. O estudo objeto deste artigo mostra que a aplicação da G.T. teve, no decorrer dos últimos anos, vários desdobramentos de acordo com a perspectiva de análise do pesquisador. E é nessa diversidade que reside a riqueza da G.T. como ferramenta metodológica, o que pode vir a contribuir nos debates sobre pesquisa organizacional.

Palavras-chave: *Grounded Theory*, pesquisa qualitativa, pesquisa organizacional

Iniciando o debate: a pesquisa organizacional no Brasil

Nos últimos anos, vários trabalhos têm analisado o estado da arte da pesquisa organizacional no Brasil. Os resultados apresentados normalmente destacam a prevalência de pesquisas de cunho funcionalista (Machado et al., 1990; Bertero e Keinert, 1994; Martins, 1997), havendo, ainda, a predominância de métodos quantitativos, em detrimento dos qualitativos.

O trabalho de Machado et al. (1989), por exemplo, no qual foram analisados 185 artigos representativos da produção acadêmica na área específica de administração pública, revela que apenas 7,4% dos artigos analisados usavam a técnica da entrevista para a coleta de dados. A técnica preponderante foi a análise documental (61,8% dos casos). Essa técnica foi empregada em combinação com outras técnicas em mais de 23,4% dos artigos. Destaca-se nos dados apresentados por Machado et al. (1989) a pouca frequência de técnicas que buscam ir além da versão oficial, ou seja, captar as percepções dos atores envolvidos.

A pesquisa de Martins (1997) também vem corroborar o fato de que há o predomínio da metodologia quantitativa na produção em Administração no Brasil. Com o propósito de analisar a produção científica dos programas de pós-graduação em Administração *stricto sensu*, no período de 1980 a 1993, o autor utiliza uma amostra de 126 teses e dissertações defendidas em três importantes escolas consideradas referência na área de Administração: a FEA/USP – Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade da Universidade de São Paulo; a EAESP/FGV – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas; e a PUC/SP – Faculdade de Economia e Administração da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O autor tinha como objetivo analisar a produção científica destes cursos sob a ótica epistemológica, a partir das abordagens metodológicas utilizadas nas pesquisas que deram origem às dissertações e teses aprovadas. Além disso, era objetivo do estudo descrever as características gerais e as tendências de abordagens metodológicas destas pesquisas (Martins, 1997).

O estudo mostrou que entre os trabalhos analisados 14,5% são norteados por uma abordagem crítico-dialética; 4% seguem uma orientação fenomenológica-hermenêutica; 68,5% situam-se entre as posições funcionalista, sistêmica, positivista e empirista; além de 13% identificados na categoria de “outras abordagens”, pela impossibilidade de caracterizá-las em um dos modelos pré-definidos. O resultado desse estudo pode ser visualizado na Figura 1 a seguir:

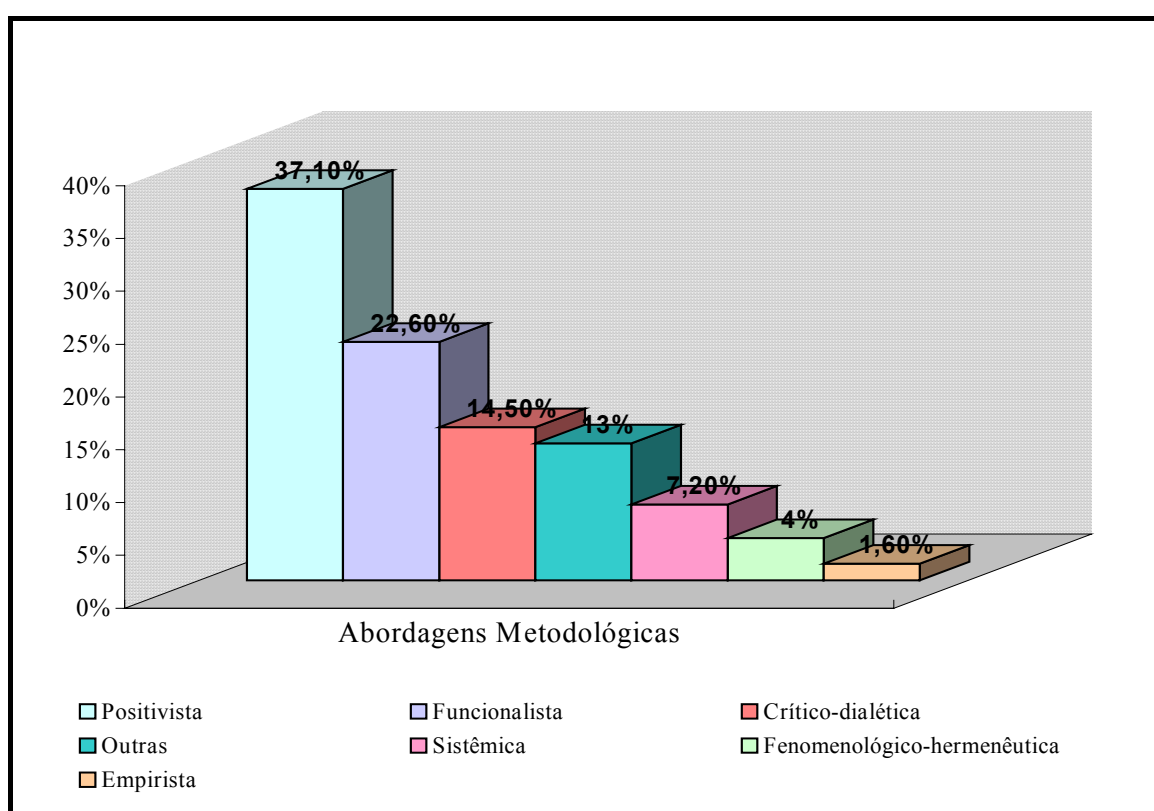


Figura 1: Abordagens metodológicas identificadas na pesquisa de Martins
 Fonte: adaptado de Martins, 1997, p.8

As pesquisas consideradas empiristas são orientadas por delineamentos experimentais ou quase-experimentais, com uso de pré-teste e pós-teste da amostra. Utilizam testes estatísticos para verificar hipóteses. A validação dos resultados dá-se pelo nível de significância adotado nos testes estatísticos e pelas condições do experimento. A causalidade é concebida como uma relação direta de causa-efeito ou estímulo-resposta. As pesquisas com esse tipo de abordagem metodológica buscam adaptação do método de investigação das Ciências Naturais às Ciências Sociais, mais especificamente à pesquisa em Administração (Bacon, 1973 apud Martins, 1997).

As pesquisas consideradas positivistas utilizam fundamentalmente como técnica de investigação os estudos descritivos, isto é, buscam a descrição das características de determinada população ou fenômeno, bem como o estabelecimento de relações entre variáveis e fatos. Os estudos com abordagem positivista são orientados por planos amostrais, sendo a coleta de dados e informações feita, na maioria das vezes, por meio da aplicação de extensos questionários em que predominam questões fechadas e uso de escalas de tipo Likert. O tratamento de dados é realizado com o uso de técnicas estatísticas e, geralmente, a validação dos resultados é apoiada apenas nos níveis estatísticos de significância. A concepção de causalidade é entendida como relação entre variáveis dependentes e independentes. As pesquisas positivistas foram encontradas em todas as áreas de concentração, mas é no Marketing que elas foram mais frequentes (Martins, 1997).

As pesquisas consideradas sistêmicas têm suas bases no positivismo e seus fundamentos encontram-se na Teoria Geral dos Sistemas, concebida por Bertalanffy. Utilizam-se do método hipotético-dedutivo e de técnicas descritivas para avaliar programas, métodos e afins. A causalidade é entendida através da lógica do inter-relacionamento de subsistemas com suas variáveis de entrada, de processo e controle e de saída. A validação dos resultados é garantida por sistematização e análise dos dados e pela lógica do método hipotético-dedutivo para o tratamento das variáveis antecedentes, processuais e de produto, sistematizadas por processos de retroalimentação. Tais estudos foram observados em pesquisas sobre Organizações e naquelas que envolvem a Teoria Geral da Administração (Martins, 1997).

As pesquisas funcionalistas têm suas bases no positivismo, estando suas raízes na Psicologia e na Antropologia. Os funcionalistas apoiam-se em esquemas básicos de processos de socialização, admitindo assim que os fenômenos acontecem dentro de formas invariantes, devido à estrutura funcional básica geral e comum. São apoiadas por técnicas descritivas. Tais estudos são mais presentes nas investigações que envolvem análises e avaliações de papéis, funcionamento de organizações, avaliação, planejamento, coordenação, expectativas, etc. A causalidade é concebida como a explicação da causa final, da intencionalidade das ações, a explicação das conseqüências, do *para que?* dos fenômenos ou da lógica entre proposta e ação, plano e execução, objetivo e atividade, teoria e prática, relação funcional entre o todo e as partes (Gamboa, 1987 apud Martins, 1997).

As abordagens fenomenológico-hermenêuticas são constituídas por estudos teóricos/práticos, bibliográficos, que buscam a compreensão-explicação dos fenômenos organizacionais. O método de pensamento da fenomenologia atém-se exclusivamente ao dado da experiência. Através da redução fenomenológica chega-se a um nível puro do fenômeno, livre de elementos pessoais e culturais, ou seja, encontra-se a essência. O fenômeno é o objeto da investigação fenomenológica e a intuição o seu instrumento para buscar o conhecimento (Masini, 1989 apud Martins, 1997).

As pesquisas crítico-dialéticas utilizam técnicas bibliográficas e históricas, com pesquisas de textos, documentos, registros e dados empíricos, priorizando a análise do discurso. Enquanto as categorias básicas da concepção positivista fundam-se em linearidade, harmonia, fatos, aistoricidade, etc., a concepção materialista histórica – fonte dos estudos crítico-dialéticos – apoia-se nas categorias de totalidade, contradição, mediação, ideologia, práxis, etc. A dialética materialista explicita-se como uma postura, um método de investigação e uma práxis, um movimento de superação e transformação. Esse processo tem seu ponto de partida nos fatos empíricos e busca superar as impressões primeiras, as

representações fenomênicas dos fatos e ascender ao seu âmago, às suas leis fundamentais. O ponto de chegada será não mais as representações primárias do empírico, mas o concreto pensado. Essa trajetória demanda do homem, enquanto ser cognoscente, esforço e trabalho de apropriação, organização e exposição dos fatos (Frigotto, 1989 apud Martins, 1997).

Expressivo grupo de pesquisas (13% da amostra) foi identificado na categoria de “Outras abordagens”, pela impossibilidade de caracterizá-las em um dos tipos do referencial adotado. São trabalhos que apresentam limitações de toda ordem: relatórios que “se assemelham a manuais de operação”, outros que “requeem teorias” através de “discursos retóricos inconseqüentes” e, também, aqueles “dominados por ecletismo”, que revelam a “fraqueza intelectual” de seus autores e orientadores. Constituem verdadeiros “discursos de vereadores”, conforme os denomina Castro (apud Martins, 1997).

Como mostram os resultados de Martins (1997) é soberano o enfoque convencional de abordagens metodológicas das pesquisas em Administração. Os enfoques não-convencionais são mais comuns entre os pesquisadores da FGV e da PUC, do que entre os investigadores da FEA/USP. Estas diferenças, segundo o autor, são decorrentes das estruturas funcionais dos três programas e os aspectos de suas origens. Na EAESP/FGV funcionam departamentos próprios de Humanidades: Ciências Sociais e Psicologia – áreas de conhecimento com maior experiência na condução de pesquisas não-convencionais. O curso da PUC nasceu no *campus* de uma Universidade com tradição em estudos de vanguarda nas áreas de Educação, Psicologia e Ciências Sociais. O programa da FEA/USP, por sua vez, manteve-se em um único departamento e, ainda, relativamente isolado de outras unidades da própria Universidade.

A análise de Martins (1997) demonstra que são ainda reduzidas, nos três programas investigados, as quantidades de trabalhos com enfoque fenomenológico. São maiores as proporções de trabalhos dessa natureza nos cursos da FGV e da PUC. As pesquisas crítico-dialéticas são mais freqüentes nas áreas de Teoria e Comportamento Organizacionais e de Recursos Humanos. São raras no programa da FEA/USP (apenas 2,4%) e mais representativas nos cursos da FGV e da PUC (12,1%).

Apesar desses dados referirem-se apenas à FEA/USP, EAESP/FGV e PUC/SP, e serem relativos a um determinado período do tempo, acredita-se que a produção científica em Administração não seja muito diferente em outros programas de pós-graduação. Uma breve análise do que tem sido produzido, permite inferir que os métodos quantitativos ainda prevalecem sobre os qualitativos (Bertero et al., 1998). Entretanto, a análise da realidade administrativa não deve se restringir a um único paradigma ou uma única metodologia. Embora os dados aqui apresentados mostrem que pesquisas positivistas e quantitativas têm prevalecido no estudo das organizações, ultimamente vem crescendo o número de propostas de outros métodos de investigação.

Os trabalhos de Cabral (1998), Rocha e Ceretta (1998), Cavedon (1999) e Lima (1999) mostram que há um campo muito vasto para que os pesquisadores organizacionais conduzam seus trabalhos com perspectivas diferentes das tradicionais. E pesquisas como as de Guimarães (1995), Escrivão Filho (1995), Santos (2001), Ichikawa (2001) apresentam resultados alcançados com a aplicação de metodologias qualitativas, com abordagens que vão desde as fenomenológicas até as crítico-dialéticas. Dentro desse cenário, o objetivo deste trabalho é trazer para discussão o modelo da *grounded theory* - uma estratégia de pesquisa

qualitativa que, embora não seja nova, considera-se que seja ainda pouco conhecida e utilizada no Brasil.

Conceituando: o que é a Grounded Theory?

A *grounded theory* é um método de pesquisa qualitativa. Durante muito tempo ela foi aplicada preponderantemente em pesquisas na área de saúde; atualmente, sua possibilidade de utilização foi ampliada para outras áreas no âmbito das ciências humanas, tais como a sociologia das organizações, a psicologia, a ergonomia, entre outras. Como exemplos de utilização nas Ciências Humanas, podemos citar os trabalhos de Haig (1995), Kinach (1995), Búrca e Loughlin (1995-1996), Kools et al. (1996), Annells (1996), Barnes (1996), Babchuck (1996), Pandit (1996), além dos debates realizados na Primeira Conferência Internacional e Interdisciplinar sobre Pesquisa Qualitativa (*Advances in Qualitative Methods*, 1999), que mostram os avanços e as diversidades de situações em que ela pode ser aplicada.

Levantamentos preliminares mostram que, também no Brasil, pesquisadores da área organizacional estão começando a descobrir a G.T. Os temas abordam desde o trabalho do gerente, a mudança organizacional, a gestão pública, a racionalidade empresarial, até discussões de ordem epistemológica (Borenstein, 1996; Cunha, 1996; Coltro e Santos; Santos et al., 1999; Bonazina, 1999).

Conhecida no Brasil também como teoria embasada ou teoria fundamentada, a G.T. tem suas raízes no interacionismo simbólico, que parte do princípio de que todas as teorias são construções simbólicas da realidade, criando uma concepção abstrata dos fenômenos do mundo empírico, através do uso de símbolos. Dentro dessa visão, uma teoria está relacionada tanto com o mundo abstrato como com o mundo empírico e serve para interpretar ou explicar e prever fenômenos. Guia, assim, a ação em relação aos fenômenos. O pressuposto chave do interacionismo simbólico é que “*os seres humanos agem em direção às coisas, com base nos significados que as coisas têm para eles*” (Blumer, 1969 apud Kools et al., 1996, p. 315).

A G.T. surgiu nos Estados Unidos na década de 60, concebida por Barney Glaser e Anselm Strauss, e foi divulgada por esses dois autores, pela primeira vez em *The Discovery of Grounded Theory*, de 1967, como uma alternativa às abordagens de pesquisa mais tradicionais, baseadas em testes de hipóteses e formas quantitativas de análise, as quais eram particularmente populares nas Ciências Sociais, e seguiam os princípios da Ciências Naturais. Nesse aspecto, a G.T. representou um movimento alternativo para a condução da pesquisa sociológica, que ia à contramão do modelo dominante da época.

Nessa primeira obra, Glaser e Strauss (1967) fizeram os primeiros delineamentos de um método de pesquisa que procurava conceber uma teoria baseada em dados. Portanto, a G.T. se propunha a ser uma estratégia indutiva, que tinha por objetivo desenvolver teorias à medida que o trabalho de campo avançava. Quando do seu lançamento, o livro causou alguma confusão: o nome “*Grounded Theory*” diz respeito a uma teoria que é fundamentada em dados. Esse termo significou um desafio à abordagem convencional, de acordo com a qual as teorias existentes eram vistas como o ponto de partida para a pesquisa, impondo regras à coleta de dados e também limitando a sua análise. A segunda fonte de confusão se referia à conotação que envolve a palavra “teoria”, a qual evoca uma imagem das ciências naturais, nas quais derivar uma teoria significa simplesmente identificar o inter-relacionamento entre

conceitos e apresentar uma visão sistemática do fenômeno sob exame, de forma a explicá-lo (Wiener, 1990).

Para a metodologia da G.T., a teoria indutivamente derivada dos dados é a teoria substantiva, ou seja, aquela representativa da realidade dos sujeitos estudados. O pesquisador deve começar a pesquisa apenas com um modelo parcial de conceitos “locais”, ou seja, conceitos que indicam alguns aspectos principais da estrutura e processos da situação que será estudada. Portanto, ele não deve ir a campo com um modelo teórico acabado. Assim, para Glaser e Strauss (1967, p.46), quando escreveram *The Discovery...* se o pesquisador “*se compromete exclusivamente com uma teoria específica pré-concebida, pode tornar-se doutrinário e não conseguir olhar além da teoria escolhida*”. Isso limitaria o espectro da coleta e da análise dos dados.

Para Glaser e Strauss (1967), a emergência da teoria a partir dos dados é conseguida através de procedimentos como a coleta seletiva de dados, a categorização de dados e a saturação teórica.

A coleta seletiva de dados (theoretical sampling) consiste no processo de coletar dados para gerar teoria. Essa coleta seletiva tem como ponto de partida a decisão inicial da coleta de dados, a qual é baseada apenas numa perspectiva sociológica geral da área ou dos sujeitos a serem pesquisados, ou seja, a decisão inicial não é baseada em uma estrutura teórica pré-concebida. Nessa fase, o pesquisador coleta, codifica e analisa seus dados. Com base na análise do primeiro “caso”, decide qual o próximo dado coletar e onde encontrá-lo. Na medida em que o pesquisador compara vários “casos”, a teoria vai emergindo. (Glaser e Strauss, 1967).

A teoria emergente aponta para os próximos passos a serem pesquisados. Dessa forma, o pesquisador é guiado pelas questões de pesquisa definidas inicialmente e pelas lacunas que emergem na teoria que ele está gerando. Portanto, a questão básica, na coleta seletiva dos dados é: quais são os próximos grupos ou subgrupos a serem pesquisados e para preencher qual lacuna teórica? Em resumo, como selecionar múltiplos grupos de comparação? As possibilidades de múltipla comparação são infinitas, e assim, os grupos devem ser escolhidos de acordo com o critério teórico. O critério básico que orienta a seleção dos grupos de comparação é a sua relevância para promover a emergência de categorias.

O pesquisador escolhe alguns grupos que irão ajudar a gerar, na extensão mais plena, tantas propriedades de categorias quanto possível, e que irão ajudar a relacionar categorias umas às outras e às suas propriedades. As comparações entre os grupos são conceituais, e são feitas comparando similaridades ou diferenças e não comparando as evidências propriamente ditas.

Para comparar grupos e gerar teoria, o pesquisador deve utilizar a sua sensibilidade teórica (theoretical sensitivity). Essa sensibilidade tende a aumentar com a experiência do pesquisador. Ela envolve a sua capacidade, o seu temperamento, as suas habilidades de pesquisador, de reconhecer “*insights*” teóricos em sua área de pesquisa, combinada com sua habilidade de elaborar teoricamente esses “*insights*”. O desenvolvimento dessas aptidões aguça a sensibilidade do pesquisador e possibilita que ele construa um arsenal de categorias e hipóteses. Por esse motivo, Glaser e Strauss, ao escreverem *The Discovery ...*, em 1967, consideravam que, se o pesquisador vai a campo com uma teoria pré-definida, ele empobrece sua sensibilidade teórica.

Ao escolher grupos por relevância teórica, duas questões estratégicas surgem: a primeira, sobre o número de grupos com os quais trabalhar. E a segunda, até que grau os dados devem ser coletados em cada grupo. Para Glaser e Strauss (1967), responder essas questões requer ponderações sobre saturação teórica (theoretical saturation) e, como decorrência dela, sobre tipos diferentes de dados (slices of data) e sobre profundidade da amostra teórica (depth of theoretical sampling).

O pesquisador não pode definir, a priori, quantos grupos irá pesquisar durante o seu trabalho. O critério para julgar quando parar de pesquisar os diferentes grupos relacionados a uma categoria é a saturação teórica. Saturação significa que nenhum dado adicional, que contribua para a compreensão da categoria, e conseqüentemente para a teoria substantiva, está sendo encontrado.

A saturação teórica é conseguida a partir de tipos diferentes de dados. Para a G.T., nenhuma técnica para coleta de dados é necessariamente a mais apropriada. Tipos diferentes de coleta de dados dão ao analista diferentes visões, a partir dos quais ele vai entender uma categoria e desenvolver suas propriedades; Glaser e Strauss (1967) chamam de “*slices of data*” essas visões diferentes, que devem ser comparadas e integradas teoricamente.

A profundidade da amostra teórica se refere à quantidade de dados coletados em um grupo e em uma categoria. A G.T. não prevê que se levante todas as categorias e todas as propriedades de todos os grupos, exceto no começo da pesquisa, quando as principais categorias ainda estão emergindo. A idéia geral é que o pesquisador deve se aprofundar em uma categoria até chegar à sua saturação. Mas, para isso, existem ênfases diferentes. Para Glaser e Strauss (1967) todas as categorias não são igualmente relevantes. Categorias teóricas que têm maior poder explanatório (core categories), devem ser saturadas tão completamente quanto possível. Os esforços para saturar categorias teóricas menos relevantes não devem ser feitos ao mesmo custo de saturar as categorias principais. Na medida em que desenvolve sua teoria substantiva e a torna integrada, o pesquisador conclui que existem categorias que requerem maior ou menor saturação, e que algumas devem ser deixadas de lado. Assim, o pesquisador gera sua própria seletividade para se dirigir e aprofundar no desenvolvimento da teoria (Glaser e Strauss, 1967).

Questionando: uma *grounded theory*?

The Discovery of Grounded Theory foi um marco na tradição qualitativa de pesquisa, representando um desafio à ortodoxia dos métodos tradicionais de pesquisa que prevalecia na década de 60, nos Estados Unidos (Babchuck, 1997). Nesse primeiro livro, Glaser e Strauss (1967) explicitaram os fundamentos conceituais do seu método, porém não deram muita ênfase à sua operacionalização. Isso ocorreria apenas alguns anos depois, o que acabou suscitando polêmicas e discussões acadêmicas.

Após o lançamento de *The Discovery...*, publicações subsequentes de Glaser e de Strauss, sozinhos ou com outros autores, começaram a refletir e a revelar importantes diferenças de como eles entendiam e aplicavam a G.T. Como resultado, é possível distinguir, nos dias atuais, ao menos duas diferentes metodologias derivadas do trabalho original, cada uma com suas características e seus próprios pressupostos epistemológicos.

Entre os livros mais conhecidos dos dois autores estão *Theoretical Sensivity* (1978); *More Grounded Theory Methodology: a reader* (1994) e *Basics of Grounded Theory Analysis* (1992) de Glaser; *Qualitative Analysis for Social Sciences* (1987), de Strauss; *Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques* (1990), de Strauss em parceria com Juliet Corbin.

Nesse último, de Strauss e Corbin (1990), os autores procuram operacionalizar os procedimentos e técnicas da G.T. detalhadamente. Esse livro tornou a expressão “fazer *grounded theory*” mais concreta e acessível; ao mesmo tempo, criou uma grande polêmica com o outro “pai” da G.T., ou seja, com Glaser.

A obra de Strauss e Corbin (1990) se propõe a apresentar técnicas e procedimentos de análise capazes de propiciar ao pesquisador o desenvolvimento de uma teoria que envolva os critérios para realizar uma “adequada ciência”: significância, compatibilidade entre teoria e observação, generalização, reprodutividade, precisão, rigor e verificabilidade. Analisando os pontos de vista discordantes de Glaser e de Strauss sobre a questão do pesquisador ir a campo com um referencial teórico prévio, Struebing (2000) procura evidenciar essas diferenças esclarecendo que para Strauss o conhecimento prévio é um meio indispensável para dar sentido aos dados empíricos; Glaser, ao contrário, propõe uma abordagem que despreza qualquer teoria ou conhecimento anterior ao trabalho de campo. O argumento principal de Glaser é que o conhecimento prévio irá sempre, de uma forma ou de outra, influenciar a maneira como se vê o mundo.

Strauss e Corbin (1990), definem sua posição, afirmando que toda a literatura – técnica ou não técnica - é importante e pode ser utilizada antes do início do estudo (para dar idéia de como começar, de como “sair do zero”), ou durante os próprios estudos, contribuindo na direção da “verdade”. Portanto, para os autores, é importante que o pesquisador use toda literatura que seja relevante; contudo, colocam uma ressalva: se resguardando contra a possibilidade de se identificar com alguma delas em especial (Strauss e Corbin, 1990).

Na fase seguinte, depois de coletar os dados de diversas fontes, eles são analisados. A análise envolve três processos: a codificação aberta, na qual os dados são “quebrados” para identificar categorias relevantes; codificação axial (eixo de codificação), na qual as categorias são refinadas, desenvolvidas e relacionadas; e codificação seletiva, na qual a categoria principal, que amarra todas as outras categorias é identificada. É o processo de selecionar a essência das categorias sistematicamente, relacionando-a a outras categorias, validando esses relacionamentos e complementando nas categorias, a necessidade de maior refinamento e desenvolvimento. O foco desses procedimentos é a seleção da categoria principal (core category) e a sua relação com todas as demais categorias (Strauss e Corbin, 1990).

A resposta de Glaser a esse detalhamento metodológico proposto por Strauss e Corbin (1990), foi o polêmico livro *Basics of Grounded Theory Analysis*, publicado em 1992, no qual esse autor apresenta críticas ao livro de Strauss e Corbin (1990), assim como a outros trabalhos conduzidos por Strauss desde *The Discovery...*

Na análise de Melia (1996) a visão de Glaser sobre o trabalho de Strauss e Corbin é de que eles passavam a trabalhar com um outro método, que ele denominou de *full conceptual description*. Assim, para Glaser, o modelo de coleta de dados apresentado por Strauss e Corbin (1990) é como uma “camisa de força”, na qual os dados têm que se encaixar. O que ocorre, em decorrência desse procedimento metodológico, é que os dados deixam de falar por si. Conseqüentemente, não há a geração e descoberta da teoria que, para Glaser, consistia na

essência da Grounded Theory . Por isso, para Glaser (apud Melia, 1996), o trabalho de Strauss e Corbin (1990) deixa de ser G.T., e passa a ser apenas um modelo verificacional, não orientado para a descoberta de teoria, mas para a descrição da realidade.

Um aspecto que revela a diferença entre os dois pioneiros da G.T. está no entendimento sobre o que é a pergunta de pesquisa (Melia, 1996; Babchuck, 1997). Para Strauss e Corbin (1990) a pergunta de pesquisa é uma declaração que identifica o fenômeno a ser estudado. Para Glaser (1992 apud Melia, 1996), ao contrário, a pergunta de pesquisa não deve ser uma declaração que identifica o fenômeno. Para esse autor, tanto o problema de pesquisa como as questões a ele referentes devem emergir, e emergem à medida que o pesquisador vai coletando e analisando os seus dados, guiado pela amostra teórica (theoretical sampling). Livres de qualquer tipo de codificação, coletando os dados por meio da amostra teórica e analisando-os pela comparação constante, o foco de pesquisa vai emergindo (Glaser, 1992 apud Melia, 1996).

Outro aspecto que evidencia a forte discordância entre eles está relacionado com os procedimentos de análise dos dados. Para Strauss e Corbin (1990) conceitualizar os dados é o primeiro passo na análise. Para tanto, os dados são divididos em partes menores – uma observação, um parágrafo, uma sentença – e para cada uma dessas partes é dado um nome que represente um fenômeno (categorização).

Glaser (1992 apud Melia, 1996) discorda dessa forma de conduzir a pesquisa. Para ele o pesquisador deve conceitualizar os dados apenas quando há um padrão de incidentes similares. Se esses incidentes ocorrem com muita intensidade, alcança-se a saturação teórica.

Contextualizando: o porquê das diferenças

As diferenças descritas no tópico anterior demonstram como a G.T. foi entendida e operacionalizada de forma diferente pelos dois autores que a conceberam. A análise que se faz atualmente, é que *The Discovery...* foi uma tentativa de sintetizar o melhor das duas tradições acadêmicas das quais vieram Glaser e Strauss (Kaghan, 2000).

Glaser teve uma formação em filosofia analítica e pesquisa quantitativa na Universidade de Colúmbia, onde foi treinado por Paul Lazarsfeld, um inovador dos métodos qualitativos. Sua formação na Universidade de Colúmbia enfatizou a pesquisa empírica em conjunto com o desenvolvimento da teoria; daí sua posição radical em rejeitar a idéia de o pesquisador ir a campo com uma teoria pré-determinada, que pode vir a enviesar sua interpretação (Struebing, 2000).

Strauss veio da tradição de Chicago, seriamente influenciado por Herbert Blumer e Everett C. Hughes e seu método pragmático de trabalho de campo. Para Struebing (2000), a abordagem de Strauss é baseada no pragmatismo americano, especialmente na idéia de Peirce de abdução¹ e na visão instrumentalista do processo de investigação de John Dewey, por isso sua posição era de que o conhecimento prévio é um meio indispensável para que os dados empíricos façam sentido.

Glaser e Strauss iniciaram sua parceria na Universidade da Califórnia-San Francisco, onde desenvolveram pesquisas com pacientes terminais. Nessa fase, como resultado de suas pesquisas, ambos publicaram *Time for Dying* e *Awareness of Dying*. Dessa experiência

conjunta, eles construíram as bases do que vieram a descrever como uma nova abordagem de investigação científica, apresentada em *The Discovery*...

O que ocorreu como desdobramento dessa fase de pesquisas conjuntas e concepção das bases da G.T. é interpretado por Kaghan (2000). Para ele, *The Discovery*... não significou uma integração entre as duas escolas de pensamento, mas apenas uma interseção entre suas áreas de interesse. Isso teve como principal produto, o livro. Porém a interseção que Glaser e Strauss conceberam na década de 60, entre as escolas de Colúmbia e Chicago se rompeu na década de 80, e com isso, algumas das tensões originais que existiam entre essas duas tradições, automaticamente reemergiram.

Para Babchuck (1997), há um abismo epistemológico e metodológico entre as versões de G.T. abraçadas por Glaser e por Strauss. Ele exemplifica essa distância, afirmando que Glaser parece estar mais comprometido com princípios e práticas comumente associados com o que pode ser amplamente descrito como paradigma qualitativo: “ele parece ver G.T. como um tipo de operação mais *laissez-faire*, a qual é inerentemente flexível e guiada primordialmente por informantes e suas realidades socialmente construídas. Para ele, o mundo dos informantes deve emergir naturalmente da análise com pequeno esforço ou atenção detalhada ao processo, por parte do pesquisador” (p.2).

Por outro lado, segundo Babchuck (1997), Strauss também está comprometido em oferecer alguns importantes *insights* a partir da realidade cultural dos participantes. Contudo, parece estar mais preocupado em produzir uma descrição detalhada dessa realidade cultural. Ele cita o argumento de Glaser, de que essa descrição recomendada por Strauss pode ser o resultado forçado de um conjunto de regras e procedimentos para conduzir G.T., que além de trabalhosa, pode se mostrar confusa para os pesquisadores. Além disso, Glaser alerta que a ênfase repetida de Strauss aos cânones da “boa ciência”, tais como replicabilidade, generalização, precisão, significância e verificabilidade podem colocá-lo muito perto das doutrinas quantitativas tradicionais (Babchuck, 1997).

Stern (1994 apud Melia, 1996) procura fazer uma síntese desse panorama, afirmando que existem atualmente duas formas de G.T.: o modelo “straussiano” e o modelo “glaseriano”. Os seguidores de Glaser e de Strauss foram ensinando as diferentes versões, conforme foram herdando – de Glaser ou de Strauss. Desse modo, ocorreu o que Stern (1994 apud Melia 1996, p.369) chama de “erosão da *grounded theory*”, ou seja, os dois *modus operandi* foram se distanciando cada vez mais.

A polêmica entre Glaser e Strauss é muito interessante, na medida em que, a partir dela, afloram diferentes maneiras de se ver e fazer ciência social. Se as duas tradições – de Colúmbia e Chicago – se uniram na década de 60 para lançar *The Discovery of Grounded Theory*, as diferenças de visão de mundo acabaram separando Glaser e Strauss. O debate entre os dois “pais” da G.T., com certeza causou alguma confusão no meio acadêmico e talvez tenha também prejudicado a disseminação do método (ou dos métodos). Mas a verdade é que, ao longo de mais de 30 anos, as discussões sobre G.T. continuaram, e o método ganhou novas releituras. A literatura sobre o tema mostra que os pesquisadores que utilizam a G.T., muitas vezes fazem um *mix* das abordagens tanto de Glaser como de Strauss (Pandit, 1996; Búrca e Mc Loughlin, 1996; Kools et al., 1996). Como resultado, essa metodologia tem contribuído para operacionalizar trabalhos tanto de cunho mais fenomenológico como mais positivista, existindo autores como Annells (1996) que apontam para a possibilidade de desenvolver vertentes dialéticas para a *grounded theory*.

O falecimento de Strauss, em 1996, fez com que o debate se tornasse menos acirrado. Seu último trabalho, organizado em parceria com Juliet Corbin foi o livro *Grounded Theory in Practice*, publicado em 1997, sendo uma coletânea de resultados de pesquisas de vários autores, com ênfase na área de saúde. Glaser, por sua vez, através do seu instituto de pesquisa qualitativa (*The Grounded Theory Institute*) vem promovendo discussões e publicando trabalhos sobre a G.T., sendo o editor da *The Grounded Theory Review* e tendo publicado recentemente o livro *The Grounded Theory Perspective: conceptualization contrasted with description*.

Finalizando: sobre a postura do pesquisador

Na pesquisa em administração, a G.T. como ferramenta metodológica foi descoberta apenas nos últimos anos no Brasil. Esse fato não causa surpresa, uma vez que as potencialidades da pesquisa qualitativa no campo dos estudos organizacionais só muito recentemente têm sido exploradas e aceitas nos meios acadêmicos. A tendência é que o nível de aceitação e de interesse de trabalhos utilizando estratégias metodológicas que não as tradicionais cresça cada vez mais.

Em relação à G.T., de modo particular, pode-se afirmar que existem atualmente muitas versões sobre ela. De acordo com o resgate histórico apresentado nesse artigo, pode-se inferir que o que distingue as várias versões estão as posições epistemológicas dos pesquisadores. Por esse motivo, é oportuna a pergunta de May (1996): a dinâmica da utilização da G.T. ao longo de mais de 30 anos é uma difusão, é uma diluição ou uma destilação? Ou seja, ela se disseminou e se difundiu, e conseqüentemente mudou? Ou ela se diluiu e perdeu a essência? Ou ela está caminhando, no sentido de um refinamento?

Para essas perguntas, não há respostas definitivas. Entretanto, a partir da experiência adquirida com pesquisa qualitativa e com base nas análises realizadas dos textos sobre G.T., é possível recomendar alguns cuidados para os pesquisadores que querem adentrar na prática da G.T.

Inicialmente, ter clara qual é sua opção epistemológica. Ou seja, se vai usar G.T. a partir de um referencial positivista, fenomenológico ou crítico-dialético; se vai a campo com pressupostos teóricos acabados ou não; se pretende realizar uma pesquisa indutiva ou hipotético-dedutiva.

Além disso, o exercício desse método requer que o pesquisador tenha experiência anterior em pesquisa qualitativa, uma vez que a G.T. exige habilidade nas técnicas da observação, da entrevista e da análise de conteúdo. Exige também sensibilidade do pesquisador, que precisa ter olhos para as categorias que emergem, para decidir com quais sujeitos de pesquisa trabalhar, para perceber o momento da saturação teórica e para reconhecer *insights* teóricos na direção da descoberta da teoria.

Em suma, pode-se afirmar que é uma estratégia de pesquisa extremamente trabalhosa, que requer paciência, persistência, tenacidade e organização para que o pesquisador chegue ao final do trabalho e consiga gerar uma teoria substantiva para a realidade que está investigando.

Referências bibliográficas

ADVANCES IN QUALITATIVE METHODS. **Conference Programs**. February 18-20, 1999. West Edmonton Mall, Edmonton-Alberta, Canada. Sponsored by International Institute for Qualitative Methodology and University of Alberta. February, 1999.

ANNELLS, Merilyn. Grounded Theory Method: philosophical perspectives, paradigm of inquiry and postmodernism. **Qualitative Health Research**, volume 6, number 3, August, 1996, p.379-393.

BERTERO, Carlos Osmar; CALDAS, Miguel P.; WOOD JR., Thomaz. Produção científica em Administração de Empresas: provocações, insinuações e contribuições para um debate local. XXII Encontro da ANPAD – Associação Nacional dos Cursos de Pós Graduação em Administração. Foz do Iguaçu, 27 a 30 de setembro de 1998. **Anais...** (CD-ROM)

BERTERO, Carlos Osmar; KEINERT, Tania Margarete Mezzomo. A evolução da análise organizacional no Brasil (1961-1993). São Paulo, **Revista de Administração de Empresas**, v.34, n° 3, p.81-90, mai./jun. 1994.

BORENSTEIN, Carlos Raul. **A dinâmica do sistema de poder nas organizações do setor elétrico brasileiro: o caso da ELETROSUL**. Florianópolis, 1996. 196 p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

BONAZINA, Maria Cristina Rath. **A Construção do Processo de Trabalho dos Gerentes nas Relações do Cotidiano de uma Organização Hospitalar**. Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

BÚRCA, Seán de; Mc LOUGHLIN, Damien. The Grounded Theory alternative in business network research. Dublin City University/Business School. **Research Papers**, 1995-1996, n. 4.

CABRAL, Augusto Cezar de Aquino. Reflexões sobre a pesquisa nos estudos organizacionais: em busca da superação da supremacia dos enfoques positivistas. XXII Encontro da ANPAD – Associação Nacional dos Cursos de Pós Graduação em Administração. Foz do Iguaçu, 27 a 30 de setembro de 1998. **Anais...** (CD-ROM)

CABRAL, Augusto Cezar de Aquino. A análise do discurso como estratégia de pesquisa no campo da administração: um olhar inicial. XXIII Encontro da ANPAD – Associação Nacional dos Cursos de Pós Graduação em Administração. Foz do Iguaçu, 19 a 22 de setembro de 1999. **Anais...** (CD-ROM)

CAVEDON, Neusa Rolita. O método etnográfico em estudos sobre a cultura organizacional: implicações positivas e negativas. XXIII Encontro da ANPAD – Associação Nacional dos

Cursos de Pós Graduação em Administração. Foz do Iguaçu, 19 a 22 de setembro de 1999. **Anais...** (CD-ROM)

COLTRO, Alex; SANTOS, Silvio Aparecido dos. A busca da compreensão da racionalidade e da ética da ação administrativa na gestão de uma organização hospitalar pública. [S.d., S.l]. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.ufrgs.br/pdgs/ORG29.html>. Acesso em 26 de fevereiro de 2001.

CUNHA, Cristiano José Castro de Almeida. Adaptação estratégica organizacional em ambiente turbulento. **Trabalho apresentado ao PPGE/UFSC** para concurso de Professor Titular na área de Gestão da Produção. Florianópolis, PPGE/UFSC, 1996 (mimeo).

ESCRIVÃO FILHO, Edmundo. **A natureza do trabalho do executivo:** uma investigação sobre as atividades racionalizadoras do responsável pelo processo produtivo em empresas de médio porte. Florianópolis, 1995. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. **The discovery of grounded theory:** strategies for qualitative research. New York: Aldine de Gruyter, 1967. 271 p.

GLASER, Barney. **Basics of Grounded Theory Analysis.** Mill Valley, CA: Sociology Press, 1992.

GLASER, Barney G. (ed.). **More grounded theory methodology:** a reader. Mill Valley, CA: Sociology Press, 1994. 388 p.

GUIMARÃES, Valeska Nahas. **Novas tecnologias de base microeletrônica e democracia industrial:** estudo comparativo de casos na indústria metal-mecânica de Santa Catarina. Florianópolis, 1995. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

HUTCHINSON, Sally A. Grounded theory: the method. In: MUNHALL, Patrícia; BOYD, Caroline. **Nursing research:** a qualitative perspective. New York: National League for Nursing, 1993, 504 p.

ICHIKAWA, Elisa Yoshie. **Relacionamento instituto de pesquisa-setor produtivo:** um caso de mudança organizacional na pesquisa agrícola em Santa Catarina. Florianópolis, 2001. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

KINACH, Barbara M. Grounded theory as scientific method: Haig-inspired reflections on educational research methodology. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://www.ed.uiuc.edu/PES/95_docs/kinach.html. 16 de janeiro de 1999.

KOOLS, Susan; McCARTHY, Marianne; DURHAM, Roberta; ROBRECHT, Linda. Dimensional analysis: broadening the conception of Grounded Theory. **Qualitative Health Research**, volume 6, number 3, August, 1996, p.312-330.

LIMA, Juvêncio Braga. Pesquisa qualitativa e qualidade na produção científica em administração de empresas. XXIII Encontro da ANPAD – Associação Nacional dos Cursos de

Pós Graduação em Administração. Foz do Iguaçu, 19 a 22 de setembro de 1999. **Anais...** (CD-ROM)

MACHADO, Clóvis; AMBONI, Nério; CUNHA, Vera Carneiro da. Produção acadêmica em administração pública: período 1983-88. XIII ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, vol.3, 25 a 27 de setembro de 1989 – Águas de São Pedro, SP. **Anais...** Belo Horizonte, MG: ANPAD, 1989. p.1599-1618

MACHADO, Clóvis; CUNHA, Vera Carneiro da; AMBONI, Nério. Organizações: o estado da arte da produção acadêmica no Brasil. XIV ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, vol.6 (Organizações), 24 a 26 de setembro de 1990 – Florianópolis, SC. **Anais...** Belo Horizonte, MG: ANPAD, 1990. p.11-28

MAY, Katharyn A . Diffusion, dilution or distillation?: the case of Grounded Theory Method. **Qualitative Health Research**, volume 6, number 3, August, 1996, p.309-311.

MELIA, Kath M. Rediscovering Glaser. **Qualitative Health Research**, volume 6, number 3, August, 1996, p.368-378.

MARTINS, Gilberto de Andrade. Abordagens metodológicas em pesquisas na área de Administração. São Paulo, **RAUSP**, v.32, n° 3, p.5-12, jul./set. 1997.

PANDIT, Naresh R. The creation of theory: a recent application of the grounded theory method. **The qualitative report**, v.2, n.4, December 1996. (<http://www.nova.edu/ssss/QR/QR2-4/pandit.html>).

ROCHA, Rudimar Antunes da; CERETTA, Paulo Sérgio. Pesquisa Qualitativa: um desafio à ciência social. XXII Encontro da ANPAD – Associação Nacional dos Cursos de Pós Graduação em Administração. Foz do Iguaçu, 27 a 30 de setembro de 1998. **Anais...** (CD-ROM)

SANTOS, Lucy Woellner dos; ICHIKAWA, Elisa Yoshie; BONAZINA, Maria Cristina Rath. Grounded Theory Method: buscando seus fundamentos paradigmáticos. In: Reunião Anual da SBPC, 51, 1999. Porto Alegre, RS. **Anais...** Pontifícia Universidade Católica - PUCRS, 1999. CD-ROM

SANTOS, Lucy Woellner dos. **A fusão pesquisa agrícola-extensão rural em Santa Catarina**. Florianópolis, 2001. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

STRAUSS, Anselm L. **Qualitative analysis for social scientists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. 319 p.

STRAUSS, Anselm L.; CORBIN, Juliet. **Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1990.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet (ed.). **Grounded theory in practice**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1997. 280 p.

ⁱ Peirce introduziu o termo “abduction” para indicar o primeiro momento do processo indutivo, o da escolha de uma hipótese, que possa servir para explicar determinados fatos empíricos (Abbagnano, N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Mestre Jou, s.d.).